

O Imaterial. Conhecimento, valor e capital

André Gorz
São Paulo, Editora Annablume, 2005, 108 p.

HENRIQUE AMORIM*

O último livro de André Gorz, *O Imaterial* traz reflexões importantes sobre o trabalho hoje e sintetiza uma longa discussão sobre a crise do processo de valorização do capital. A análise do autor está focada em uma nova forma de criação de riqueza que estaria desvinculada do processo de valorização do capital, sendo o conhecimento a nova força produtiva que viria substituir o trabalho abstrato na criação da riqueza social.

Seu eixo teórico está dividido em duas partes. A primeira está relacionada à caracterização do que há de específico nos conteúdos do trabalho imaterial, cujo potencial, o deslocaria em direção a um universo que não poderia ser *subsumido* pelo capital. A se-

gunda parte visa, para endossar a primeira, criticar a teoria do valor com base na sua incapacidade de calcular o valor do trabalho imaterial, isto é, não haveria possibilidade de mensuração de trabalhos imateriais, já que os conteúdos destes trabalhos seriam relativos. “Componentes comportamentais” e “motivação”, ingredientes de um “capital humano”, segundo Gorz, não seriam capacidades quantitativas, não poderiam ser pensadas como unidades de produção, finalmente, não poderiam ser mensuradas.

O componente do saber presente no trabalho industrial e de serviços teria crescido em importância hoje. “*O saber da experiência, o discernimento, a capacidade de coordenação, de auto-orga-*

* Doutorando em Ciências Sociais – IFCH/UNICAMP.

nização e de comunicação.” (p. 09) não podendo ser reduzidos a saberes técnicos, não poderiam ser formalizados. Formar-se-ia, assim, o que podemos chamar: uma suposta resistência dentro da lógica de valorização do capital.

As contradições em presença teriam fundamentado um tipo de trabalho cujo componente central seria o conhecimento. Lembremos, rapidamente, da tese de Gorz desenvolvida em *Adeus ao Proletariado* na qual indica a existência de uma dualização da sociedade capitalista: sociedade heterônoma *versus* sociedade autônoma. Nos “interstícios” da sociedade capitalista ter-se-ia formado uma força produtiva cognitiva ancorada nas experiências cotidianas dos indivíduos.

Esta produção imaterial levaria a teoria do valor à excrecência, pois indicaria uma contradição intransponível entre a lógica de universalização dos produtos imateriais e a mercadoria. Gorz caracteriza um redimensionamento da forma histórica de valorização do capital hoje. Neste contexto, o capital tentaria incessantemente conservar, restringir o acesso, patentear o conhecimento presente nos produtos comercializados. Mas, não poderia fazê-lo por completo, pois fugiria do movimento intrínseco ao capital, de acumulação e de extensão ilimitada da exploração do trabalho; para produtos imateriais, lembra o autor, essa lógica não faria, portanto, mais sentido. A universalização dos produtos do trabalho imaterial acabaria por caracterizar o conhecimento formalizado e codifica-

do como uma “não-mercadoria”, um bem comum.

Haveria, nestes termos, um movimento de independência do trabalho imaterial frente ao processo de acumulação de capital cujo, este último, deveria conter. A imensurabilidade, essa propriedade particular dos trabalhos imateriais, seria utilizada como fonte de um novo processo de valorização na medida em que esta fosse restringida. O monopólio do “capital conhecimento”, por exemplo, sintetizaria a contenção dos produtos imateriais. Isto submeteria uma realidade considerada pelo autor ilimitada (dos produtos cognitivos) ao movimento limitado de troca de mercadorias. Até aqui nada de novo nas formas de apropriação do trabalho pelo capital.

Gorz indica, em seguida, a passagem/evolução da economia baseada no tempo de trabalho para a economia da abundância. Com a diminuição do trabalho imediato, as formas de pagamento e o valor de troca presente nas mercadorias seriam também reduzidos. Isto produziria uma diminuição dos valores monetários, isto é, da riqueza e dos lucros produzidos. O capitalismo cognitivo apresentar-se-ia como momento de “*crise do capitalismo em seu sentido mais estrito.*” (p. 37). Evidencia-se, com isso, a indicação de uma transição (sem sujeitos sociais) do capitalismo para o comunismo. Esta indicação antiga ao corolário gorziano, lembremos da tese sobre “reformas não-reformistas” exposta em *Estratégia Operária e*

Neoliberalismo, corrobora a idéia de uma passagem, e não de uma ruptura, como o modo de produção capitalista. Subentende-se, portanto, o fim do antagonismo entre as classes sociais baseada na prescrição de uma alternativa consensual dos embates sociais.

Ademais, os produtos ditos imateriais parecem estar ligados a uma lógica produtora de valores de uso. Gorz não estaria, assim, pensando o trabalho concreto como forma geral do trabalho imaterial? Parece que sim, pois ao caracterizar a particularidade do trabalho imaterial com base nas “*externalidades positivas*” (pp. 21 e 57) compreende que tais produtos não podem ser submetidos a uma abstração geral, tendo, portanto, utilidades sociais distintas. Em seu conjunto, não teriam mais a função primeira de valorizar o capital.

Percebe-se ainda a coexistência de, pelo menos, dois modos de produção no interior das sociedades capitalistas. Um modo de produção baseado no valor-trabalho e que teria como medida unidades de tempo produtivas, fundado no trabalho simples, e, um segundo, cognitivo, no qual o processo de valorização estaria ancorado no trabalho imaterial (apreendido por Gorz como complexo), no “capital humano” e no “capital conhecimento”.

Configura-se, assim, uma ambivalência em processo, pois, para que o “capital conhecimento” possa entrar na circulação, ele deve converter-se em capital-mercadoria, deve associar-se às formas tradicionais do capital, já que,

“*ele não é capital, no sentido usual, e não tem como destinação primária a de servir a produção de sobrevalor; nem mesmo de valor, no sentido usual.*” (p. 54). Não se adequando à norma tradicional de valorização do capital e, ao mesmo tempo, desenvolvendo-se como força produtiva central o “capital conhecimento” apresentar-se-ia como momento de negação e de possível superação do capitalismo. No entanto, tal superação estaria na dependência de uma tomada de consciência, de um reconhecimento por parte do indivíduo. “*A criação de riqueza deve ser desatrelada da criação de valor.*” (p. 57). Com isso, o valor mercantil daria lugar a uma riqueza que não poderia ser regulamentada. Por fim, esta separação formaria espontaneamente um processo de solidariedade e coletividade como vetor central de organização social.

A presença dessa dualidade social nos confere uma visão contraditória do capitalismo, pois ao mesmo tempo em que essas lógicas trabalham dentro do mesmo sistema, isto é: obedecem às mesmas leis, o “capital conhecimento” precisa travestir-se de capital-mercadoria para entrar no processo de circulação. No entanto, por suas particularidades específicas, este “capital conhecimento” garantiria um isolamento em relação ao caráter perverso do capital; isto permitiria ao conjunto de trabalhos imateriais construir uma resistência política e uma possível transição a uma economia “*comunista do saber*” (p. 10).

Configura-se, portanto, uma análise docilizada e pacífica da transforma-

ção estrutural da sociedade capitalista. Mas por que essa leitura torna o capital dócil e transforma uma ruptura social em uma transição inevitável? Algumas respostas podem ser desenvolvidas. Aqui indicarei apenas uma delas. Gorz apreendeu de Marx a tese, exposta no *Manifesto Comunista*, sobre a relação contraditória entre forças produtivas e relações de produção, mas a apreendeu parcialmente, isto é, não considerando a necessidade de uma força político-material transformadora da sociedade: as classes sociais. Por conta disso, excluiu de sua análise a figura do sujeito histórico que pode criar e se organizar, em torno de um projeto revolucionário, uma ruptura social. Contrariamente, para Gorz, é o desenvolvimento das forças produtivas capitalistas, oriundo da exploração do intelecto do trabalhador, que forjaria um novo sujeito, um sujeito imaterial. Há, portanto, uma determinação unilateral do desenvolvimento das forças produtivas. A dialética está cindida. Não há embate social. Os indivíduos não constroem a base material da ruptura, pelo contrário, são levados pela lógica sistêmica de expansão dessas forças cognitivas, ou ainda, é o desenvolvimento das forças produtivas cognitivas que forja o indivíduo e espera dele uma tomada de consciência que o projete na direção da transição “*rumo ao comunismo do saber*”. O primado das forças produtivas cognitivas é retido como elemento transformador da sociedade, a despeito de um sujeito social de carne e osso.

O projeto intelectual de Gorz, pelo menos desde a publicação de *Estratégia Operária e Neocapitalismo*, está fundado em uma perspectiva individualista na análise social. A questão da transição ao socialismo, por exemplo, está ajustada a essa dimensão individualista. Mesmo quando Gorz nas décadas 1960 e 1970 ainda falava em classes sociais, seu mote era a tomada de consciência do indivíduo – a partir da retomada de controle de seu posto de trabalho – e a classe social. Esta última aparecia como uma extensão dos objetivos individuais do operário.

Trata-se, assim, de uma forma de entender as transformações do processo de produção e de trabalho e, também, da sociedade que tem seus prejuízos e seus êxitos. Seja com base nas influências do existencialismo ou da sociologia do trabalho francesa dos anos 1950 e 1960, presa a uma compreensão humanista do processo de trabalho, seja ainda com base na mais recente teoria sistêmica da sociedade, percebemos onde está assentada a análise de Gorz hoje. Em *O Imaterial*, livro crítico ao capitalismo, verifica-se ainda a primazia do indivíduo em relação aos grupos, as classes, aos movimentos sociais, ao movimento da estrutura social. Contudo, este livro demonstra uma força de síntese impressionante, em especial nos dois primeiros capítulos, nos quais questões teóricas e sociais relevantes são profundamente discutidas. O livro de André Gorz convida ao debate.